

EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS EM SANTA CATARINA

**Jeruse Maria Romão
Da Comissão de Educação
do Núcleo de Estudos Negros
e da Rede Municipal de
Ensino de Florianópolis/SC**

Estamos tentando resgatar o que é invisível em Santa Catarina: o negro e sua cultura. Nosso trabalho iniciou-se a partir de um fato — noticiado, inclusive pela imprensa — ocorrido na escola particular onde trabalho como coordenadora educacional: um pai solicitou que sua filha, uma menina branca, não sentasse ao lado de uma menina “macaca” da 1ª série. Começamos, então, professores(as) e alunas do curso de magistério a trabalhar a questão do negro. Utilizamos, inicialmente, para introduzirmos o debate, textos e outros materiais publicados em São Paulo e Rio de Janeiro, dada a quase inexistente produção catarinense. Usamos a revista *Palmares em quadrinhos* de Togo Ioruba e *Krisnas* do Rio de Janeiro. Convidamos os autores da revista para irem a Florianópolis discutir com as alunas. Em três seminários contamos com a participação de Togo Ioruba e num dos seminários, com a participação de Hélio de Assis, tam-

bém do Rio de Janeiro, que falou sobre Negro e Literatura. Foram analisados temas como: Negro e Educação; Negro na Literatura e nos quadrinhos; Negro e ideologia. Prosseguimos com uma série de seminários onde aprofundávamos os temas debatidos e finalizamos com uma sessão destinada a discorrer sobre as propostas de como desenvolver este conteúdo na escola. Na ocasião discutiu-se também sobre as dificuldades a serem enfrentadas por essas alunas, futuras professoras devido à ausência de material instrucional adequado e de apoio, por parte da direção das escolas onde elas iriam lecionar. Muitas delas provêm do interior de Santa Catarina, de municípios de colonização alemã, italiana, austríaca e polonesa, em alguns dos quais, o ensino é ministrado nas línguas de origem².

Além dessa atividade elaboramos uma carta que enviamos para outras escolas e algumas associações de professores. Enviamos para a Associação dos Licenciados de Santa Catarina — ALISC, que congrega professores do Estado. Em resposta, a ALISC nos informou que a matéria seria encaminhada aos seus núcleos em todas as regiões do estado a fim de que os professores promovessem discussões nas suas escolas.

Realizamos, também, um trabalho com alunos de 1º grau, de uma escola particular sobre o 20 de Novembro, dia da Consciência Negra e Morte de Zumbi dos Palmares. Primeiramente foram transmitidas informações aos professores: quem era(ê) Zumbi; como se processou a vinda dos escravos para o Brasil; o significado do 13 de Maio e do 20 de Novembro. Informamos sobre a situação do negro no Brasil na atualidade e sobre o Movimento Negro. Posteriormente, trabalhamos com alunos por série e disciplinas: em Matemática utilizamos o significado da expressão *Axé*³; em Geografia, o percentual e localização da comunidade negra⁴; em História focali-

- 1 Trabalho orientado pela professora Titular de História. Otirna Terezinha Medeiros.
- 2 Numa matéria veiculada no jornal *Diário Catarinense de Florianópolis* de 24.02.87, intitulada “Três mil crianças do primeiro grau aprendem o idioma alemão”, lê-se “O aprendizado é fácil, porque a maioria das crianças é descendente de alemães, e traz de casa algum conhecimento prévio... O município de Pomerode, a 30 quilômetros de Blumenau, é conhecido como a cidade mais alemã do Brasil. Não poderia ser diferente, já que 99% dos 15 mil habitantes são alemães ou descendentes, o que torna o idioma praticamente a língua nativa da cidade”. Logo, até que os alunos oriundos dessas comunidades aprendam o português, o professor deve falar o alemão concomitante à língua nacional.
- 3 Amor + saúde + paz + igualdade + justiça + força + luz + luta — racismo = Axé.
- 4 IBGE — Recenseamento de 1980: Florianópolis — população de cor branca — 170.232 — 95,47%; — população de cor preta — 8.080 — 4,53%.

zamos desde a vinda do negro para o Brasil até o negro na atualidade; em Religião, o conceito de igualdade, oportunidade; em Ciências abordamos a miscigenação e o racismo perpetuado através de teorias darwinistas e evolucionistas; em Educação Artística trabalhamos com desenhos; em Língua Portuguesa com redações e questionários. No debate final, com todos os alunos, houve uma integração das conclusões e propostas.

Uma aluna da 4ª série nos disse que gostaria de ouvir falar do negro quando se estudasse os meios de transporte "para saber da história verdadeira, até a história ruim, que deveria estar nos livros da gente...". Quando questionada sobre o que era a "história ruim", respondeu: "a história ruim é aquela que mostra que os negros vieram para cá contra a sua vontade". Alguns alunos acreditavam que os escravos vieram para o Brasil de livre e espontânea vontade. Sugeriu, também, que quando se trabalhasse com meios de comunicação, fossem incluídas a música e a sua mensagem. O samba em Florianópolis é tido como uma "coisa" de negro; o pagode, as pessoas não conhecem (ao menos até essa data); do afoxé nunca ouviram falar; e de capoeira, temos apenas um grupo.

Conseguimos perceber, também, a negação do preconceito em função do discurso oficial de que esta é uma democracia racial, apesar de respostas como a de uma aluna da 3ª série "eu era racista de casamento de negro e branco". Quando se denuncia a discriminação — o que é raro — há um medo das pessoas discriminadas passarem a ser taxadas de discriminadoras. Mas quando se demonstra isso com dados, as pessoas conseguem perceber⁵.

Observamos, também, entre as crianças do 1º grau (não nos preocupamos em fazer essa análise com as alunas do curso de magistério, por entendermos que o adolescente e o adulto tendem a mascarar as manifestações de racismo) a preservação do discurso colonialista (dominado e dominante; superior e inferior; estereótipos, etc.) que transparece em observações do tipo: "Os brancos precisam proteger e cuidar mais dos negros"; "Racismo acontece porque o negro não faz aquilo que o branco manda". Uma aluna negra escreveu o seguinte: "Os brancos acham que os negros não têm direitos. Todos os brancos acham que os negros não podem ser advogados, porque acham que os negros não podem estudar". Um aluno da 3ª série me disse o seguinte: "a gente precisava saber de que cor era Deus, para entender se quem merecia ser escravo era o negro ou o branco. Eu vi o retrato de Jesus, ele é branco, de olhos azuis, e está numa nuvem". Os estereótipos em relação ao negro, enunciados pelas crianças são os mesmos encontrados em toda parte: "o preguiçoso", "o que não gosta de estudar", "o inferior", "o sujo".

Esses alunos manifestam inclusive a ideologia do branqueamento. Nessa escola particular existem 350 alunos: 10 são negros, quatro totalmente negros e seis mulatos. Mas negro, sempre é o outro. Os alunos mulatos são morenos. Aliás, isto não acontece

somente na escola. Em Santa Catarina, os negros são morenos, embora a função que eles ocupam seja um determinante da cor: quanto menos uma função for considerada própria para negro, mais branco ele se parece, ou melhor, menos negro ele é. Referir-se a um negro como negro é na maioria das vezes constrangedor (para quem está sendo chamado) e ofensivo (para quem chama). Na escola, uma criança ser chamada de negra provoca choro convulsivo. Os alunos, aliás, se referiam a mim como morena. Quando eu me assumi como negra, houve silêncio total na sala. Daí uma aluna da 3ª série disse o seguinte: "é uma negra de alma branca, não é, tia?". Na recreação, também, foi possível observar manifestações da ideologia do branqueamento: os meninos namoram meninas brancas e as meninas negras não namoram meninos negros. Entre os adultos, casar com branco é sinônimo de status, é clarear, é ascender.

Com a realização desse trabalho, pudemos analisar as condições sócio-econômicas desfavoráveis em função do preconceito racial que impossibilita ao negro entre outras coisas, o acesso e/ou permanência na escola e, conseqüentemente, ao trabalho. Pudemos perceber, também, que a escola como aparelho ideológico, mascara a realidade das chamadas "minorias" através da transmissão de valores que objetivam perpetuar a imobilidade de ações reflexivas que gerariam modificações em relação a situação de opressão em que vivem.

5 Uma pesquisa efetuada em julho/86 pela FUCAT (Fundação Catarinense do Trabalhador), mostrou que numa amostra de 1.096 empregados no comércio de Florianópolis, 1.072 eram brancos (97,82%) e 24 eram pretos (2,18%). E as justificativas para o não emprego de pessoas negras pelos empregadores vão desde "dar melhor aparência para os clientes do estabelecimento" até que os negros "não são muito confiáveis"; "são preguiçosos" etc.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

KRISNAS & TOGO IORUBA. *Palmares em quadrinhos*. Roswitha Kempf, s.d.